
- **CAMINHOS E TENDÊNCIAS DA SOCIOLINGÜÍSTICA E DA GEOLINGÜÍSTICA**

Coordenador(a): *Irenilde Pereira dos Santos*

A leitura do material produzido pela Sociolingüística Variacionista e pela Geolingüística, nas últimas décadas, revela o enfoque pelo estudo da língua usada em comunidades lingüísticas. A Sociolingüística Variacionista Laboviana, ao estudar a língua utilizada por grupos sociais numa dada comunidade - os dialetos sociais ou socioletos - concentra-se na descrição da

língua em uso buscando estabelecer correlações sistemáticas entre fatos lingüísticos e fatores de diferente natureza, quer lingüística, quer social, estilística e, mais recentemente, discursiva. Aplicados inicialmente aos fatos de variação fonética, os estudos variacionistas se estendem aos fenômenos sintáticos e discursivos. Caracteriza esses estudos a constante utilização de uma metodologia que busca dar conta da análise do fenômeno lingüístico, tentando depreender as relações entre padrões lingüísticos e sociais. A Geolingüística, ao estudar a língua usada regularmente pelas pessoas de uma localidade desde a infância - os basiletos - busca inventariar e descrever as variedades de uma língua do ponto de vista diatópico. Em outras palavras, interessa-se pelo estudo dos dialetos de uma dada língua. Investiga como se configura a variação diatópica numa rede de pontos num determinado espaço físico. Os resultados da investigação são apresentados sob a forma de cartas que variam de acordo com a natureza e a distribuição do elemento lingüístico analisado. À reunião das cartas corresponde o atlas lingüístico, que se constitui no retrato da freqüência e distribuição de um dado fenômeno lingüístico no espaço estudado. Neste simpósio, apresentam-se trabalhos que apontam alguns dos caminhos trilhados pela Sociolingüística e pela Geolingüística recentemente. Indicam tendências possíveis para o estudo da língua em uso em comunidades lingüísticas e, ao mesmo tempo, fornecem elementos para a reflexão a respeito de metodologias pertinentes ao estudo da variação lingüística.

A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DIATÓPICA NO CAMPO SEMÂNTICO “JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS” EM LIVROS DIDÁTICOS DIRECIONADOS À 6ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adriana Cristina Cristianini (USP)

Instituições responsáveis pelo planejamento da educação no Brasil, felizmente, reconhecem a realidade lingüística marcada pela diversidade lingüística em nosso país. Assim, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1998, observam-se trechos que afirmam a existência da variação da língua portuguesa em todos os níveis. Recomendam que o ensino da língua materna privilegie o maior número possível de variedades, possibilitando, ao educando, um maior conhecimento e domínio da língua, não se prendendo única e exclusivamente à “norma-padrão”.

Espera-se, então, que os livros didáticos utilizados nas escolas, principalmente aqueles indicados pelos programas oficiais responsáveis pela análise de livros didáticos, apresentem a presença da variação diatópica e que esta seja tratada despida de preconceito.

Diante disso, é de grande importância verificar-se o quanto e o como as variedades diatópicas, especificamente seus aspectos semântico-lexicais, alvo deste estudo, são apresentadas e direcionadas ao ensino/aprendizagem em livros didáticos.

Tem-se como objetivo deste trabalho, portanto, verificar se os livros didáticos utilizados junto à disciplina de língua portuguesa, na 6ª série do Ensino Fundamental, em escolas da Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo, apresentam as variedades diatópicas da língua de forma satisfatória e atendendo às expectativas de um ensino de língua que não seja mais um responsável por exclusão, inclusive dentro da própria escola.

Com o intuito de apresentar algumas reflexões sobre a abordagem da variação diatópica em livros didáticos, este trabalho utilizar-se-á da análise de dados coletados por meio de entrevistas, as quais possibilitarão uma amostragem do uso, por alunos de 6ª série do Ensino Fundamental, de lexias relacionadas ao campo semântico “jogos e diversões infantis”. Far-se-á uso, para tanto, do questionário proposto pelo Comitê Nacional do Projeto AliB (2001).

EM BUSCA DE UM REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL EM ATLAS LINGÜÍSTICOS

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

Ao longo dos últimos cinquenta anos, publicam-se vários atlas lingüísticos regionais no Brasil. Em geral, enfocam os aspectos fonético-fonológico e semântico-lexical. No tocante a este último, assiste-se a uma grande quantidade de alterações no questionário semântico-lexical, seja pela introdução de seções específicas referentes a uma dada região, seja pela busca de novos procedimentos para o aperfeiçoamento das questões. Um breve balanço nos resultados da produção de atlas regionais brasileiros aponta para o mapeamento da variação lingüística, relativa ao aspecto semântico-lexical, sob a forma de listas dos lexemas de alta freqüência num conjunto de localidades de uma dada região, os quais, por sua vez, são expostos em cartas lexicais. Em alguns atlas, acrescentam-se informações relativas ao uso de uma dada forma e/ou o contexto de fala. Este trabalho tem por objetivo apresentar elementos para a elaboração de um referencial teórico-metodológico com vistas à análise do aspecto semântico-lexical em atlas lingüísticos, tomando por referência o processo produção/interpretação. Em suas interações, quer como falantes, quer como ouvintes, os diferentes interlocutores, como membros de uma determinada comunidade lingüística, servem-se do léxico para produzir atos de fala e interpretá-los a todo instante. Na verdade, os atos de fala constituem etapas de elaboração e reelaboração da norma de uma dada comunidade lingüística, os quais adquirem um caráter particular em função das variáveis extralingüísticas encontradas numa determinada localidade. Com base em Rastier, o presente trabalho busca fornecer subsídios para a investigação do uso e seleção de determinados lexemas em função da multiplicidade de pontos de vista subjacentes ao processo produção/interpretação numa determinada região. Examinar-se-ão alguns dados semântico-lexicais contidos em atlas regionais brasileiros publicados nas três últimas décadas.

ESTUDO COMPARATIVO DOS TABUS LINGÜÍSTICOS EM ATLAS LINGÜÍSTICOS BRASILEIROS

Laura de Almeida (USP)

Esta comunicação tem por objetivo propor uma tipologia dos tabus existentes em dois atlas lingüísticos publicados no Brasil na segunda metade do século XX, a saber, o Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG, elaborado por José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio em 1977, e o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR elaborado por Vanderci Aguilera e publicado em 1994. No presente trabalho, analisar-se-á a resposta 1.2.10 do Questionário Semântico-lexical (QSL) de 2001: “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?” A análise basear-se-á na resposta proposta por Caruso, a qual seria “chuva-de-pedra”. Partindo de um levantamento semântico-lexical e com vistas a um tratamento interpretativo, observar-se-ão o significado, a etimologia e a origem de algumas lexias e suas variantes lingüísticas em dicionários gerais, etimológicos e outros. Serão elaboradas as listas de variantes lingüísticas dessas lexias e os tabus lingüísticos a elas relacionados, presentes nesses atlas. A seguir, elaborar-se-á uma classificação com base em Guérios (1979) e far-se-á então a análise das lexias e suas variantes. Acrescentar-se-ão notas e comentários eventualmente encontrados nos atlas supracitados. Em relação à elaboração dos atlas, serão considerados dados como: o número de localidades, pontos escolhidos, tipo de questionário aplicado, número de informantes, metodologia e campos semânticos escolhidos, dentre outros dados. O estudo dos tabus lingüísticos pretende principalmente traçar um mapeamento da ocorrência deste fenômeno lingüístico nos atlas lingüísticos mencionados, mostrando a cultura e a visão de mundo próprias dessas localidades. Busca também contribuir para um estudo mais aprofundado deste rico material apresentado nos atlas lingüísticos.

O MÉTODO DE PESQUISA GEOLINGÜÍSTICO E A DOCUMENTAÇÃO DE VARIAÇÕES LEXICAIS - RETRATO VIVO DE UMA COMUNIDADE

Márcia Regina Teixeira da Encarnação (USP)

O método de pesquisa geolingüístico possibilita penetrar no domínio dos falares vivos e interpretá-los com maior segurança, propondo-se a reconhecer as áreas de extensão de certos fatos lingüísticos. A aplicação desse método permite conhecer, identificar, fazer os registros dessa realidade, analisar a variação lingüística existente e documentá-la. A disposição do material colhido em cartas comprova a grande variedade e complexidade do tecido lingüístico, fornecendo um quadro completo dos falares, numa visão de conjunto difícil de conseguir de outra maneira. Há uma estreita interação entre o sistema lingüístico de um grupo e sua cultura e ideologia e, portanto, para se obter um conhecimento mais próximo é necessário observar a forma particular de esse grupo representar a realidade que o circunda.

É no léxico de uma língua natural que está retratada a herança dos signos recebidos e está arquivado o saber lingüístico duma comunidade. É de suma importância o seu estudo e o seu registro já que ele está em constante mobilidade. Na diversidade lingüística é que estão refletidos o meio ambiente, as condições de vida dos sujeitos, as ocupações e a tecnologia, os objetivos materiais, as idéias e toda a história e visão de mundo de uma comunidade.

Esta comunicação tem por objetivo apresentar como esse método pode ser aplicado em comunidades tradicionais caiçaras no litoral de São Paulo. Pretende mostrar que a formação etnocultural e a configuração geográfica propiciaram o desenvolvimento de alguns traços lingüísticos que singularizam o linguajar da região. Dessa forma, constitui-se em subsídio não só aos lingüistas, mas também aos historiadores, sociólogos, antropólogos e a outros profissionais que tenham interesse em documentar o passado daquela região com rigor científico.

O USO DA FORMA PRONOMINAL VOCÊ NO CENTRO-OESTE MINEIRO

Clézio Roberto Gonçalves (USP)

A proposta deste trabalho é uma análise, na fala dos moradores da cidade de Arcos-MG, do uso das formas pronominais VOCÊ, OCÊ e CÊ, e, também, dos fatores lingüísticos e sociais que condicionam a variação desse pronome de tratamento. O estudo é feito através de narrativas orais espontâneas de falantes de uma cidade do centro-oeste mineiro, que são gravadas e transcritas de acordo com as sugestões do projeto NURC/SP-1986, com algumas adaptações. Os informantes são todos nascidos no estado de Minas Gerais, e com residência, em Arcos-MG, igual ou superior a 10 anos. A faixa etária considerada é a partir de 15 anos. Para este estudo variacionista, estabeleceram-se quatro possíveis grupos de fatores lingüísticos que regem o uso da variável dependente VOCÊ, OCÊ e CÊ: a) tipos de contextos: contexto de interpretação definida e contexto de interpretação indefinida; b) ambiente fonológico que precede a forma; c) função sintática da forma; d) tipo de frase em que a forma ocorre. Entre os grupos de fatores não lingüísticos, estabeleceram-se quatro grupos: a) procedência geográfica; b) classe social; c) idade; d) sexo.

REFLEXÕES SOBRE O USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO ENTRE SANTISTAS: ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS E FUNCIONAIS

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto (USP)

O estudo das formas de tratamento no Brasil tem merecido muita atenção nos últimos anos por parte de lingüistas de diferentes posturas teóricas. Há, segundo RAMOS (2001), dois pontos de vista que têm norteado as pesquisas sobre o tema: um de natureza sócio-histórica, que leva em consideração o uso amplo de você como uma opção por um tratamento igualitário, e outro que

trata o problema como um processo de mudança baseado na implementação da forma você com estatuto pronominal, que desta forma vem alterando a concordância e acarretando muitas mudanças no sistema pronominal a partir de meados dos séculos XIX. Assim, este texto constitui produto de um estudo quantitativo das formas de tratamento tu e você na cidade de Santos, litoral paulista, com o intuito de buscar esclarecimento de fatores relevantes para a primeira das duas abordagens sugeridas. Tal estudo se justifica por ainda ser bastante recorrente o uso da forma tu na Baixada Santista. Com o suporte da metodologia da Sociolinguística Variacionista Laboviana, busca-se explicitar até que ponto as diferentes situações interacionais levam os falantes a escolherem uma ou outra forma pronominal. Constituem o corpus analisado 10 inquéritos de conversações realizadas entre falantes santistas, sendo cinco gravações secretas e cinco não-secretas, em situações contextuais diversas. Em outras palavras, busca-se verificar em que medida fatores discursivos podem explicar tal fato de variação. Adota-se, por conseguinte, uma perspectiva funcionalista de análise, já que se leva em conta toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.

SOCIOLINGÜÍSTICA CORRELACIONAL

Angela Cecília de Souza Rodrigues (USP)

Ao propor, nos primeiros momentos de sua trajetória, a análise da regra variável, a Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 1972) inaugura uma reflexão a respeito da metodologia a ser aplicada aos estudos da língua em uso, na medida em que a regra variável seria capaz de explicar não só em que medida se realiza um fenômeno lingüístico, mas também em que condições lingüísticas e sociais isto acontece. Entendida, inicialmente, como duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, ou com um mesmo valor de verdade, o modelo foi aplicado com sucesso aos estudos de variação fonética, mas logo bastante discutida foi a sua aplicação aos estudos sintáticos e discursivos (LAVANDERA, 1978, ROMAINE, 1981). Apesar disso, nunca se questionou a proposta laboviana de se estabelecerem correlações sistemáticas entre fatos de uso lingüístico e fatores de diferente natureza, quer lingüística, quer social e estilística. Em outras palavras, Labov mostrou a possibilidade de se explicar a covariação da estrutura da língua e da estrutura social de um ponto de vista correlacional, ou de se depreenderem as relações entre padrões lingüísticos e sociais. Neste sentido, a metodologia da Sociolinguística Variacionista proposta no início de sua história tem-se mostrado, até hoje, instrumento eficaz para o estudo de fatos de língua em uso. Neste trabalho, damos notícia de estudos recentes que confirmam a pertinência de se aproveitar esta metodologia para descrição da gramática do Português Brasileiro, tanto para análise de regra variável canônica, como a de Concordância Verbal, como de fatos de uso que apontam para o fenômeno da escolha de formas diferentes, mas não de variantes de uma mesma variável lingüística.